

O impacto da tecnologia na pessoa do analista em tempos de pandemia¹

Vera Elisabethe Hartmann²

Cajuína
Existirmos: a que será que se destina?
Pois quando tu me deste a rosa pequenina
Vi que és um homem lindo e que se acaso a sina
Do menino infeliz não se nos ilumina
Tampouco turva se a lágrima nordestina
Apenas a matéria vida era tão fina
E éramos olharmo-nos intacta retina
A cajuína cristalina em Teresina
(Caetano Veloso)

Resumo: Este trabalho tem como objetivo refletir sobre a repercussão da Pandemia, provocada pelo Coronavírus, diretamente na pessoa do analista, principalmente no que tange à contratransferência. Consta de relatos de psicanalistas feitos em conferências e/ou depoimentos do Observatório Psicanalítico sobre o impacto da tecnologia com seus derivados no processo analítico que abruptamente exige a passagem ao modo virtual. Questiona sobre

¹ Trabalho apresentado para a Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre, com fins de obtenção de transferência da Sociedade Psicanalítica de Pelotas para esta Sociedade, na condição de Membro Associado, conforme exigência do regulamento interno dessa Instituição.

² Membro associado da SBPdePA.

o aspecto traumático desse modelo, assim como o fato da simultaneidade da ameaça tanto na pessoa do paciente como na do analista e sugere, ainda, a revisão da técnica analítica.

Palavras-chave: Impacto. Pandemia. Presença real e presença virtual. *Setting*. Trauma.

Introdução

Este trabalho tem o objetivo de refletir sobre a pessoa do analista na relação analítica, em uma época na qual se misturam uma pandemia provocada pelo coronavírus e uma conectividade que, em decorrência dela, ingressa com toda a força na psicanálise. Busco alguns elementos para pensarmos os atendimentos on-line e, utilizando recursos teóricos, questiono aspectos da técnica que, nesse momento, repercutem diretamente no *setting* analítico mais tradicional e afetam de formas diversas o analista.

A partir do período inicial do confinamento indicado pela Organização Mundial da Saúde (OMS), várias discussões ocorreram em diferentes setores, assim como publicações começaram a surgir ou a circular. O Observatório Psicanalítico (OP)³ abriu a possibilidade de psicanalistas expressarem suas dúvidas, seus sentimentos e questionamentos. Além de contar com os relatos desse espaço de interlocução escrita, utilizo-me também de alguns dos inúmeros encontros virtuais organizados por Sociedades vinculadas à IPA, que discutem o atual momento.

Proponho-me, neste trabalho, sistematizar alguns desses pensamentos para, com isso, embasar as minhas próprias indagações e, quem sabe, levantar questões para que, juntos, possamos refletir sobre o uso de novos instrumentos técnicos para a psicanálise.

A ênfase de minhas reflexões será na pessoa do analista, como ele enfrenta as forças provenientes das angústias vividas e as consequentes demandas dos pacientes; como experimenta a técnica e o manejo desta, diante de algo que é totalmente novo e inusitado, como a tecnologia dentro do *setting* – ou seria o *setting* dentro da tecnologia? –, decorrente do confinamento pela pandemia.

³ Espaço criado pela FEBRAPSI, em 2017, com o objetivo de ampliar a participação da comunidade inscrita no OP. Nele, o exercício do olhar psicanalítico se dá a partir de crônicas e ensaios sobre acontecimentos sociais, culturais e políticos do Brasil e do mundo contemporâneo.

Desenvolvimento

Moreno (2014) afirma:

. . . Não é que o desenvolvimento técnico dos dispositivos por si só tem produzido esse afã de estar conectados que hoje nos invade; é a subjetividade dos habitantes dos fins do século passado e começo deste, que tem mudado, e isto tem promovido o desenvolvimento dessa tecnologia e a criação de dispositivos midiáticos que hoje invadem o planeta. A inversão do espaço público e privado tem sido intenso e se presta muito bem como os dispositivos informáticos. Essas máquinas de conexão também são responsáveis por mudanças na subjetividade, do modo de ser e de viver de todos hoje, e da tendência atual à vida conectada, a lógica do instante e a obsolescência de tudo. Isto implica uma das maiores mudanças da subjetividade: o perturbar da primazia do privado pelo público. (p. 13)

Na aula inaugural na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, em 2015, Nosek (2017) refere-se ao filósofo Ortega y Gasset em sua célebre afirmativa: “Eu sou eu e minhas circunstâncias O homem é um ser inevitavelmente permeado pelo que o circunda, pelo contexto em que vive” (p. 192).

Nos consultórios dos analistas do mundo todo, a tecnologia já vinha, em certa medida, ingressando e trazendo desafios. Contudo, a força de nossas circunstâncias atuais – a pandemia mundial pela presença do novo Coronavírus – vem acompanhada de muitas angústias, de situações muito semelhantes a todas as pessoas que vivem e enfrentam as ameaças decorrentes não só do vírus como também as dificuldades no manejo urgente e imediato de recursos tecnológicos não familiares a todos.

Nesse contexto, proponho pensarmos sobre o quanto a entrada da tecnologia com todos os seus derivados – os smartphones, computadores e tablets – intensificou e provocou alterações e turbulências no *setting* psicanalítico e nos aspectos subjetivos do espaço analítico, em especial sob pressão de uma pandemia, levando-nos a várias dimensões e a interrogantes, que desenvolvo a seguir.

De algum tempo para cá, temos muito a pensar sobre novos – já não tão novos – recursos tecnológicos: o que chamamos ciberanálise, ou sessões psicoterápicas e analíticas por Skype, WhatsApp e Facetime, até comunicações por mensagens de textos com algum questionamento do paciente, alterações de horários, discussão de valores de tratamento, têm sido cada vez mais frequentes. Da mesma forma, requer a nossa atenção a utilização e a exposição de recursos escritos, diálogos com pessoas nas redes sociais, fotos que estão no telefone do paciente, filmes que ele nos quer mostrar, atendimento de ligações durante a sessão.

Essas comunicações da contemporaneidade provocam importantes e diferentes sentimentos contratransferenciais, com os quais antes não tínhamos que nos deparar. Neste momento, porém, com a chegada ao Brasil do coronavírus, fomos tomados por um sentimento de perplexidade, e até a sensação de “ignorância”, ou mais ainda a fadiga provocada pelo excesso de exigência das atuais circunstâncias.

De forma geral, a massiva presença dos equipamentos tecnológicos reflete a grande importância que eles passaram a ter na vida das pessoas. Para os analistas, na atualidade, frente a tudo o que estamos vivendo, eles são os melhores recursos de que dispomos para a continuidade de nosso exercício profissional. Interessa-nos, no entanto, abordar e questionar o impacto no enquadre analítico e, mais especificamente, na pessoa do analista, tanto na realidade como nas comunicações recebidas dos pacientes.

Sabemos da importância da neutralidade do analista – tema muito discutido e estudado por vários autores –, mas podemos indagar: neste contexto, ela passa a ter características diferentes? Ou conseguimos na prática manter nossa atenção no *setting* rapidamente improvisado de nossas casas e, portanto, permanecer no foco do trabalho transferencial?

Ao referir-se à contratransferência, Racker (1960) considera o analista como um observador participante. Com base nessa ideia, Baranger e Baranger (1992) falam de campo analítico, entendendo-o como uma estrutura, produto de dois integrantes da relação que, por sua vez, os envolve em um processo dinâmico e eventualmente criativo. Para os autores, o campo analítico é um fenômeno central da análise, pois é o encontro profundo de duas subjetividades, intensamente comprometidas na tarefa de promover as transformações psíquicas do analisando.

Ao analisar alguns textos publicados no Observatório Psicanalítico, destaquei alguns para podermos refletir.

Albuquerque (2020)⁴ escreveu:

O que mais importa é o *setting* interno que permita a manutenção dos vínculos. Como psicanalistas podemos oferecer escuta e fala aos que têm procurado nossas federadas e, sim, aos profissionais de saúde que estão vivendo sobre o fio da navalha. Assim, demonstramos nosso amor à humanidade. Com atitudes. Poucas, pessoais, não importa.

⁴ Cintia Albuquerque. Comentário publicado no Observatório Psicanalítico da FEBRAPS – <https://febrapsi.org/observatorio-psicanalitico>, em 28/03/20.

Um aspecto do campo relacionado com a manifestação da fantasia inconsciente da dupla analítica é a presença do caráter ambíguo desse campo. Para Baranger e Baranger (1992), todo acontecimento é vivido de acordo com a categoria do “como se”. Essa ambiguidade essencial permite que a dimensão real da relação analítica seja concebida em uma relação dialética com os aspectos inconscientes fantasiados. Todas as coisas ou os acontecimentos do campo podem, por sua vez, ser outra coisa.

No encontro virtual, embora haja distância real, a sintonia da presença pode ocorrer. Porém, podemos questionar se, nos atendimentos on-line, a entrada de um terceiro real – mensagens recebidas, uma gravação ou mesmo ligações vindas do mundo externo no momento da sessão – subverte o sentido ou quiçá paralisa o movimento do campo e, com isso, reforça a resistência do analisando ou não. Em um atendimento presencial, esse aspecto pode fazer parte do conteúdo trazido pelo paciente e ser passível de interpretação.

A experiência psicanalítica é um encontro. Como refere Meira (2014), é um encontro de pelo menos duas pessoas, talvez um dos mais significativos encontros de um ser humano. Nele, o paciente encontra um lugar onde pode depositar tudo o que queira ou não, e espera obter como resposta a humanidade e o genuíno interesse por suas demandas. Isso com certeza não se dá apenas pela presença física, mas é visível na voz, na postura, nos gestos e na predisposição para receber o conteúdo da vida da pessoa que nos procura. E agora essa pessoa vem “acompanhada” pela tecnologia e por uma forte ameaça de morte resultante da pandemia, que passa a ser comum na dupla.

Leopoldo Nosek (2017, p. 252) apoia-se nas ideias de Didi-Huberman, que “cria o que chama de método arqueológico”. Diz o filósofo que, “a cada imagem que olhamos e que relacionamos com outras imagens e textos, podemos descobrir pontos de convergência e múltiplas temporalidades” (Didi-Huberman citado por Nosek, 2017, p. 252). O filósofo, diz Nosek, define “o olhar arqueológico como a capacidade de comparar o que vemos no presente - o que sobreviveu – com o que sabemos ter desaparecido. Analisar imagens antigas é como analisar ruínas. Quase tudo está destruído, mas resta algo” (Didi-Huberman citado por Nosek, 2017, p. 252). Salienta-se a importância de saber olhar, para que algumas vivências não passem despercebidas. Heller e Costa (2005) apoiam-se nas ideias de Aulagnier e destacam:

Um acontecimento somente se transforma em acontecimento psíquico quando tem o poder de afetar a psique, de ser fonte de prazer ou de sofrimento. Esse encontro entre a psique e a ocorrência externa vem exigir uma modificação no investimento que deverá sofrer correções no processo identificatório, na economia narcisista e na organização do próprio espaço relacional. (p. 414)

Quero ressaltar um aspecto que considere muito importante e que em vários relatos de colegas se fizeram presentes. Houve uma certa uniformidade de que as sessões realizadas on-line, por mais que ocorram em casa e com intervalos, geram um maior esgotamento e cansaço. Gheller (2020)⁵ comenta:

Muitos de nós nos sentimos exaustos ao fim do dia. Colegas afirmam que a concentração na tela do computador ou do celular por horas seguidas seria a causa desse cansaço. . . . Creio que há algo que nos cansa mais. Refiro-me à noção de fragilidade e precariedade que o vírus nos escancara. Com o novo Coronavírus, não existe nenhuma conversa. Sempre soubemos que cada encontro com o analisando poderia ser o último. Nunca, porém, essa ideia ficou tão presente e ameaçadora no dia a dia. A verdade é que o perigo de contágio e a possibilidade da morte se concretizam diante de nós.

Assim caracterizamos o nosso “trauma”? Esse aspecto me chamou muito atenção; e então, a partir desses relatos, elaborei algumas hipóteses.

Há um aspecto paradoxal que nos conduz a pandemia. Estamos vivendo as mesmas angústias que todos os nossos pacientes, estamos ameaçados em nossas vidas assim como eles, experimentamos muitos fatos que são por eles reconhecidos e vividos. Há um limite tênue entre o que sentimos e o que referem ou expressam os pacientes; é com isso que precisamos lidar ao atender e é isso que fica constantemente ameaçado pelo fator da realidade. Assim, o exercício de neutralidade analítica esbarra a todo momento nessa *mistura* de sentimentos.

A dupla carga sobre o nosso aparelho mental pode ser explicitada de forma metafórica. Quando Freud sugeriu o uso do divã, um dos argumentos seria por não se sentir bem de ficar sendo olhado por tantas horas! Freud (1913/1990b) comenta:

Não suporto ser encarado fixamente por outras pessoas durante oito horas (ou mais) por dia. Visto que, enquanto estou escutando o paciente, também me entrego à corrente de meus pensamentos inconscientes, não desejo que minhas expressões faciais deem ao paciente material para interpretação ou influenciem-no no que me conta. (p. 176)

Quando, por força da necessidade de isolamento físico, migramos para os atendimentos virtuais na totalidade de nossa clínica, alguns pacientes serão atendidos por chamada de voz sem imagem; mas outros serão atendidos frente

⁵ Julio Hirshhorn Gheller. Comentário publicado no Observatório Psicanalítico da FEBRAPSI – <https://febrapsi.org/observatorio-psicanalitico>, em 07/04/20.

a frente, com áudio e imagem. Hoje, quando frente à tela, presenciamos, com estes, duas pessoas nos olhando: o paciente e nós mesmos. O que diria Freud sobre isso? Os dois olhares personificam, na tela do Skype ou do WhatsApp, a dupla e simultânea vivência. Como todos dizem, “estamos no mesmo barco”, nossos pacientes e nós. É verdade, estamos, mas só conseguiremos proporcionar um *holding* menos contaminado se pensarmos e repensarmos muito intensamente os aspectos da técnica e os fundamentos teóricos da transferência e contratransferência no exercício da psicanálise.

O limite do esgotamento esbarra no encontro contratransferencial dos conteúdos trazidos pelos pacientes e de nossa capacidade de mantermos a atenção flutuante. Precisamos “escutar” em nós as manifestações carregadas das angústias por eles comunicadas e nos separarmos das ameaças de nossas próprias angústias que têm agora um perseguidor comum: o vírus.

Em 26 de março de 2020, a FEBRAPSI realizou um encontro virtual para discutir o atendimento virtual. Várias experiências foram relatadas e oferecidas como informações para esclarecimento de dúvidas dos analistas. Elenco aqui, em especial, os aspectos comentados que se referem à pessoa do analista.

Cimenti⁶ salienta as principais dificuldades que experimentou. Uma delas foi a urgência de sua própria prontidão, ao ver a solicitação dos pacientes em sua tela. Reflete que talvez por necessidade de maior concentração aos conteúdos, experimente um maior cansaço.

Nick⁷ reforça o aspecto do novo nessa modalidade virtual e a necessidade de um esforço para fazer uma adaptação no atendimento on-line. Sugere o início como uma espécie de treinamento, aprendendo com a experiência e trocando com os colegas. Dá-se conta da estafa produzida pela sistematização do atendimento e sugere que a imagem do analista na tela seja ocultada, para centrarmos a atenção na escuta. Questiona a livre associação em função do possível vazamento de conteúdos pela internet, assim como o aspecto da liberdade para fazer o atendimento, em um ambiente onde o sigilo esteja preservado e a confidencialidade do encontro possa ser cuidada.

Montagna⁸ assinala o fato de que, hoje, pela impossibilidade de encontro presencial, ficamos somente com estas opções: ou a análise deverá ser on-line ou não se faz análise. Ele levanta a necessidade de buscar recursos para aumentar a efetividade dessa modalidade de atendimento. Concorde com os demais colegas no aspecto de que esse formato cansa mais, mas refere que, à

⁶ Maria Elisabeth Cimenti, psicanalista da SPPA.

⁷ Sérgio Nick, psicanalista da Rio II.

⁸ Plínio Montagna, psicanalista da SBPSP.

medida que formos conhecendo e dominando a técnica, isso vai se tornando mais natural, o que proporciona uma melhor adaptação. Ele salienta como as questões da não sensorialidade em relação à presença corporal vão se perdendo nas sessões virtuais e deixam de ser captadas. As qualidades do silêncio e as qualidades de ansiedade tornam-se mais difíceis de serem percebidas e talvez por isso o analista fale mais.

Vidille⁹ também reforça a condição de maior cansaço, mas considera que ela se dá pela iniciação do uso da técnica, sublinhando a necessidade de ajuste a ela. Salienta igualmente a privação da sensorialidade: “Não mais damos a mão aos pacientes!”.

Cláudia Carneiro¹⁰ reforça o comentário de Muszkat¹¹, que refere que “o vírus representará uma mudança de paradigma no *setting* analítico”. Carneiro questiona se a IPA¹², nesse caso, pensaria em rever seus posicionamentos atuais, pela grande mudança diante do que está ocorrendo.

Nick coloca o trabalho que vem sendo feito pela IPA, que já trabalha há algum tempo no sentido de refletir sobre a exigência de sessões presenciais, pois a pressão para flexibilizar o uso das ferramentas virtuais na análise não teria vindo só da covid-19. Essa pressão já vinha de vários pontos, seja pela globalização – isto é, pela dificuldade de circulação nas cidades grandes –, seja por parte de pessoas que não têm tanta clínica, mas teriam condições de atender remotamente. A comissão formada dentro da IPA para tal discussão foi “atropelada” pelo vírus, pois a ideia era ter, dentro de aproximadamente um ano, uma pesquisa bem fundamentada para fazer isso. Hoje, teremos mais membros que poderão responder a uma pesquisa, e a IPA pensa novos modelos de atendimento para formação e supervisão em psicanálise.

Cimenti apresenta outra questão, que é a preocupação demonstrada pelos pacientes com relação à saúde dos pais e dos analistas. Ela entende como sendo a dificuldade de lidar virtualmente com a realidade dessa ameaça que é verdadeira, e que eu complemento como sendo dirigida a nós.

Nick comenta sobre as fantasias de matricídio ou parricídio por trás dessa preocupação dos pacientes com seus analistas. Para ele, isso pode emergir nas análises não como algo do *setting* ou que faça parte da relação transferencial, mas como algo externo e real. Para os analistas que estão de fato no chamado grupo de risco, por sua vez, é mais difícil tomar contato com esse tipo de

⁹ Wagner Vidille, psicanalista da SBPSP.

¹⁰ Cláudia Carneiro, psicanalista da SPBsb.

¹¹ Susana Muszkat, psicanalista da SBPSP.

¹² Representada, neste encontro, por Sergio Nick.

fantasia. Nossa contratransferência sofre uma *hiperplasia* pela identificação com o risco, de forma que, se não estivermos com nossos ouvidos ligados ao mundo interno, isso fica como algo somente externo.

Por fim, Carneiro reforça ainda que, mesmo no mundo virtual, existe um encontro real, e o “olhar” confirma a presença real.

Meira (2014) refere a clínica psicanalítica como sendo um lugar de intensidade, “composta de enredos feitos de fatos, obscuridades, segredos, perguntas, descobertas, dúvidas, incertezas e fantasmas; traz-nos os melhores sonhos e os mais terríveis pesadelos, inconfessáveis paixões e medos intensos, histórias de amor e ódio, sedução e terror, vida e morte” (p. 23).

A partir dessa visão, questiono: Como garantir que o *setting* siga sendo palco de toda essa intensidade psíquica nas atuais circunstâncias reais? Qual será a nossa maior e melhor proteção, para que possamos receber todas essas projeções e identificações projetivas sem perdermos o objetivo analítico quando estamos fortemente identificados com os pacientes?

Como trabalharemos a neutralidade? Refiro-me à dificuldade de conseguir ser neutros diante de tudo que é avassalador! Nosso olhar não manifestará surpresa ou emoção? Nossa postura não revelará nossa angústia? E o olhar e a postura do paciente? O paciente que, no consultório, está no divã, não está fixado em nosso olhar. Em casa, diante da tela, a sessão será frente a frente, nos olhando, ou o paciente permanecerá deitado? Ou ainda, a ligação será apenas com voz?

Ao refletir sobre a indicação do uso do divã por Freud – como medida de abstinência do olhar –, Carneiro (2019) comenta que é precisamente o olhar que constitui um elemento novo no enquadre virtual e ganha um estatuto diferenciado daquele do *setting* tradicional.

O encontro virtual, segundo a autora, estabelece um enquadre decorrente também da experiência do olhar. Uma vez estabelecido o espaço intermediário entre a realidade e a imaginação, a presença do outro deixa de ser uma questão subjetiva para se confirmar, pelo olhar, como real diante da ausência de outros elementos sensoriais.

E os silêncios? São momentos reflexivos, de *insight*, ou simplesmente a imagem ficou congelada ou desconectada?

Rea (2019) comenta sobre uma forte angústia que experimenta diante de um silêncio dentro do atendimento virtual: “Quando o silêncio se dá por alguns segundos, me sinto sem referências em que me apoiar, sem entender se há uma falha técnica ou se é um legítimo silêncio do paciente” (p. 98).

Ao mencionar sobre o silêncio em sessão, Winnicott (1990) considera-o legítimo, porque alude ao direito do paciente de não se comunicar. Para

ele, é algo que merece ser respeitado e mantido pelo analista, uma vez que é fundamental para o processo de aquisição da capacidade de estar só, mesmo na presença da mãe, essencial para que se estabeleça o sentimento de confiança. Mas, e diante da tela, será que conseguimos acompanhar esse processo ou paralisamos frente a uma possível desconexão?

Ainda, as referências que o paciente faça a situações de seu cotidiano, como por exemplo: “Olha meu cachorro!”, “Olha, essa é minha sala, ali meu quarto, onde tenho essa vista!”, “Veja os móveis novos que compramos!” e assim sucessivamente, podem ser interpretadas ou simplesmente aceitamos como uma simples observação? Com certeza, tudo teria um significado e um sentido, mas cabe entrar nesses detalhes em uma análise on-line? Isso tem lugar em um momento de pandemia? Além do inconsciente, é também o real que nos chega pelo virtual. O paciente pode questionar o lugar onde estamos (se fora do consultório) e “entrar” em nossa residência, ouvir sons ou mesmo sinais de onde e como vivemos. Isso pode ser relevante?

Outro fato que pode ocorrer é o paciente querer gravar o encontro, seja na rede ou no consultório. Se soubermos, podemos entender com ele o significado de seu desejo, mas e se isso não nos for comunicado? Não temos absolutamente nenhuma garantia e nenhum controle sobre o que possa ocorrer, se isso existir.

Há alguns anos, em meu consultório, uma paciente referiu: “Vera, eu gostaria que tu pudesses entrar dentro do meu relógio de pulso e ficasse ali. Eu poderia te acessar a hora que desejasse ou precisasse”.

Na atualidade, a maioria das pessoas refere-se ao telefone celular como sendo uma extensão de si mesma, algo como um novo membro que, se perdido, gera um sentimento de vazio e de ruptura da própria identidade. Ora, se os telefones são “extensões” e se podem conectar-se a nós em qualquer momento – e, na atualidade, ainda mais –, podemos pensar que somos, então, como consequência, uma parte desse objeto! E, assim sendo, o sentimento de separação entre um encontro e outro fica amenizado, ou até mesmo não existe. Dada a urgência e a fluidez do tempo, o paciente tem como saber se tomamos conhecimento de alguma mensagem, ou se estivemos on-line e respondemos, ou mesmo se “frustramos” sua pressa de resposta ao não dar a resposta imediata.

Em outros tempos, quando o paciente queria “estar conosco”, ouvindo a nossa voz, ele ligava para o consultório e escutava a gravação da secretária eletrônica. Havia um movimento de resgatar a figura do analista quando, por alguma razão, essa se perdia. Por vezes, isso “acalmava” a angústia de separação. Hoje, essa realidade já não é mais tão forte, na medida em que o paciente pode

ter as informações que deseja sobre muito de nós. Significa que o paciente nunca está só? Ou entra em profundos vazios e solidão ao sentir-se “não” conectado?

A tecnologia veio para a nossa vida e veio para ficar. Mendes (2017) cita Guerra – “Não temos como fugir: o brincar passa pelos seus novos carretéis” (p. 72) – para refletir sobre a preocupação de que, no afã de agilidade na comunicação, de contato, de acessibilidade total, podemos perder os limites, ver borradas as diferenças, corrompidas as noções de tempo e espaço e, com isso, evadirmo-nos das experiências de frustração, perda e dor.

Mendes (2017) ainda comenta que, antes de pensarmos sobre (im) possibilidades, (in)adequações e (contra)indicação de novas tecnologias como instrumentos para os tratamentos psicanalíticos, podemos examinar o impacto delas no dia a dia das pessoas, suas relações e, conseqüentemente, na organização de suas mentes. Pensemos sobre aquilo que não escolhemos, mas que lentamente vai se infiltrando e passa a fazer parte das relações.

Para refletir sobre isso, Mendes (2017) se apoia em Gordon et al. (2014), que escrevem sobre as possíveis modificações provocadas no *setting* pela realidade digital e virtual. Esses autores defendem que “o *setting* não se define apenas pela frequência ou duração das sessões ou pela localização espacial dos encontros, mas por um *setting* interno do analista, produto de sua própria experiência e da convicção no método psicanalítico” (p. 78). E ainda: “é o encontro dos desencontros. Se negarmos a influência daquilo que é exposto nas redes virtuais, podemos ficar cegos para as construções secretas dos nossos pacientes” (p. 85).

Em *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, Freud (1912/1990a) afirma que as regras técnicas por ele apresentadas foram alcançadas por sua própria experiência. Assinala ele, várias regras que

convergem na regra fundamental da psicanálise, assim como o paciente deve relatar tudo o que sua auto-observação possa detectar, e impedir todas as objeções lógicas e efetivas que procuram induzi-lo a fazer uma seleção dentre elas, também o médico deve colocar-se em posição de fazer uso de tudo o que lhe é dito para fins de interpretação e identificar o material inconsciente oculto, sem substituir sua própria censura pela seleção de que o paciente abriu mão. Para melhor formulá-lo: ele deve voltar seu próprio inconsciente, como um órgão receptor, na direção do inconsciente transmissor do paciente. Deve ajustar-se ao paciente como um receptor telefônico se ajusta ao microfone transmissor. (p. 154)

Além disso, no texto *O início do tratamento (Novas Recomendações Sobre a Técnica da Psicanálise)*, Freud (1913) enfatiza como pontos de importância no

início do tratamento os acordos quanto a tempo e dinheiro: “a cada paciente é atribuída uma hora específica do meu dia de trabalho disponível, pertence a ele que é responsável por ela, mesmo que não faça uso da mesma” (p. 168).

Isso posto, o contrato terapêutico necessita ser repensado, assim como a técnica tenderá a ser ampliada, embora sempre *com e sob* as leis que regem a psicanálise. Novas formas de trabalhar deverão surgir após essa fase.

Considerações Finais

Atender pela internet e prescindir do *setting* tradicional da análise não significa romper com os principais preceitos da nossa técnica. O que precisamos com certeza é poder permanecer na escuta do inconsciente e continuar atentos às manifestações transferenciais e contratransferenciais para que as interpretações possam ser o menos contaminadas possível e o *setting* interno seja mantido.

Além da análise pessoal, da supervisão e do estudo continuado, o contato e a troca institucional entre colegas serão os melhores aliados no fortalecimento tanto da técnica como da pessoa do analista. Tudo ou quase tudo, hoje, está inundado pela pandemia.

No decorrer desse confinamento, assim como após ele, sairemos com várias alterações. No momento, o mundo é nosso laboratório, com muitas hipóteses, pesquisas e incertezas. E ainda surgirão muitas questões, dúvidas e discussões, que talvez nos respondam ou nos deixem mais perplexos e cheios de perguntas.

Mas há uma certeza: o pensamento dirigido ao entendimento e ao estudo de todos os aspectos do paciente e da vulnerabilidade dos psicanalistas é o que nos dará o rumo de novos caminhos e de quais serão os novos paradigmas.

Como afirma Maldavsky (2019), para o terapeuta não é fácil transpor as fronteiras do mundo de intercâmbio em sessão ao intercâmbio informático. O autor destaca duas razões para isso: o não poder decidir facilmente se crê ou não no que o paciente manifesta e o não ter clareza quanto à oportunidade de cada intervenção que realiza. A isso se agregam algumas outras razões, ligadas ao recurso empregado, já que alguns terapeutas não se sentem cômodos com o uso do telefone ou da escrita.

No entanto, como Zak de Goldstein (2004) destaca, ser analista não é uma qualidade definitivamente adquirida. “É saber um pouco mais do que acontece com a gente; é ser capaz de permanecer na incerteza, com sua correlativa possibilidade de criatividade” (p. 57).

Assim, penso nesse trabalho como sendo apenas uma semente que começa a brotar, mas que leva dentro de si o DNA da psicanálise. A matéria vida

tão fina, como canta Caetano Veloso, necessita mais do que nunca o cuidado, o aprofundamento de estudos, a pesquisa e a constante reflexão, para que possamos todos nos fortalecer e sobreviver, nós e a psicanálise.

The impact of technology in the person of the analyst in times of pandemic

Abstract: The objective of this work is to reflect on the repercussions of the pandemic, provoked by Coronavirus, on the person of the analyst, mainly with regard to counter-transference.

It consists of reports by Psychoanalysts made in Conferences and/or testimonies from the Psychoanalytic Observatory on the impact of technology with its derivatives on the analytical process that abruptly requires the transition to virtual mode.

It questions about the traumatic aspect of this model, as well as the fact that the threat is simultaneous in both the patient and the analyst, and also suggests a review of the analytical technique.

Keywords: Impact. Pandemic. Real presence and virtual presence. *Setting*. Trauma.

Referências

Baranger, M., & Baranger, W. (1992). La mente del analista: De la escucha a la interpretación. *Revista de Psicoanálisis, APA, 49(2)*, 223-237.

Carneiro, C. A. (2019). A construção do *setting* virtual. *Calibán - Revista Latinoamericana de Psicoanálisis, 17(1)*, 106-107.

FEBRAPSI (2020, 26 de Março). *Diálogos FEBRAPSI - Atendimento virtual*. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=_ckN-A_PoDs

Freud, S. (1990a). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)

Freud, S. (1990b). O início do tratamento (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise). In J. Strachey (Ed. & Trad.), *Edição standard das obras completas de Sigmund Freud* (Vol. 5) Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1913)

- Heller, A. G., & Costa, M. B. M. (2005). A vivência do trauma no analista: Da dor ao ato criativo. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 79(2), 413-426.
- Maldavsky, D. (2019, Junho). Medios informáticos en psicoterapia de orientación psicoanalítica. *Actualidad Psicológica*. 485.
- Meira, A. C. S. (2014). Do silêncio na sessão à escrita da clínica. *Psicanálise - Revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre*, 16(1), 23-27.
- Mendes, H. A. (2017). (So)mente a tela de computador?! *Calibán - Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 15(1), 73-88.
- Nosek, L. (2017). *A disposição para o assombro*. São Paulo: Perspectiva.
- Racker, H. (1960). Estúdio VI: los significados y usos de la contratransferência. In H. Racker. *Estudios sobre la técnica psicoanalítica* (pp. 153-202). Buenos Aires: Paidós.
- Rea, S. (2019). A analista, o skype e o que acontece entre eles. *Calibán - Revista Latinoamericana de Psicoanálisis*, 17(1), 98-100.
- Winnicott, D. (1990). *O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Zak de Goldstein, R. (2004). Caos, petrificação... ou quê? A incerteza na subjetivação do analista. *Psicanálise - Revista da SBPdePA*, 6(1), 53-67.

Copyright © Psicanálise – Revista da SBPdePA
Revisão de português: Mayara Lemos

Recebido em: 01/07/2020

Aceito em: 07/10/2020

Vera Elisabeth Hartmann
Av. Iguassu 495/602
90470-430 – Porto Alegre – RS – Brasil
E-mail: veraeh@hotmail.com